

BIBLIOTHECA PATRISTICA

Da Hierarquia Celeste

Pseudo-Dionísio

Fonte: www.fatheralexander.org

Capítulo I

A Luz irradia do Pai. A Luz sai d'Ele para nos iluminar com os Seus excelentes dons. Apenas Ela nos restabelece e nos eleva. É Ela que nos converte à unidade do Pai segundo as Sagradas Escrituras: “Porque Dele, por Ele e para Ele são todas as coisas...” (Rom 11: 36).

“Toda a dádiva excelente e todo o dom perfeito vêm do alto e descende do Pai das Luzes...” (Tg 1: 17).

É por isso que invocando Jesus, Luz do Pai, através do Qual temos acesso ao Pai, princípio de toda a Luz, elevemos nossos olhos tanto quanto pudermos até as iluminações provenientes das Sagradas Escrituras e iniciemos na medida das nossas forças, no conhecimento da hierarquia das inteligências celestes tal como nos revelam as próprias Escrituras: “(O Verbo) era a Luz verdadeira, que ilumina todo o homem que vem a este mundo” (Jo 1:9).

Os santos que primitivamente regularam os nossos ritos religiosos, organizaram a nossa hierarquia sagrada segundo o modelo das hierarquias celestes. Essas hierarquias encontram-se revestidas na sua descrição de uma variedade de figuras e formas materiais para que elevemos a nossa compreensão de forma analógica desses símbolos, às realidades espirituais, das quais esses símbolos são apenas imagens.

De fato, é para nós impossível a contemplação das hierarquias celestes sem utilizarmos meios materiais adequados a nossa natureza para nos guiarmos nessa contemplação. A beleza manifesta-se na harmonia das figuras, os aromas agradáveis representam a iluminação intelectual, a luz material representa a efusão de luz imaterial e a recepção da Santa Eucaristia manifesta a participação em Jesus.

A nossa própria hierarquia imita a hierarquia celeste o tanto quanto possível enquanto instituição humana, a fim de que ela entre em colegialidade com o sacerdócio angélico.

Capítulo II

É necessário que elevemos a nossa compreensão a partir das alegorias com as quais as inteligências celestes nos são representadas nas Sagradas Escrituras, a fim de não deduzirmos como pensaria qualquer pessoa desprevenida, que as inteligências celestes têm vários pés e vários rostos, que elas se assemelham ao gado como os bois, que apresentam o aspecto selvagem do leão, o bico curvo da águia, ou ainda, que possuem asas e penas como as aves. Não devemos imaginá-las como rodas inflamadas girando no céu, como guerreiros a cavalos armados de lanças, nem sob outras formas que as Sagradas Escrituras nos transmitem através de uma variedade de símbolos reveladores.

Se os teólogos aplicaram essa imaginação poética às inteligências celestes foi porque tiveram em conta o caráter humano da nossa inteligência, a fim de nos proporcionarem um meio de elevação espiritual adaptado a nossa natureza.

Se aceitarmos essas alegorias como figurações de realidades que não podemos conhecer nem contemplar, julgaremos que as imagens usadas pelas Sagradas Escrituras para representar as inteligências celestes são inadequadas ao seu objetivo, que os nomes atribuídos aos anjos não correspondem senão muito parcialmente às realidades que sugerem. Contrapomos, que para materializar os anjos os teólogos deveriam ter utilizado imagens tanto quanto possível adequadas ao seu objeto, utilizando substâncias que consideramos como sendo as mais nobres, ao invés de ligar à essas realidades uma multiplicidade de figuras retiradas do que poderia ser considerado como pertencendo às mais baixas realidades terrestres. Assim, a alegoria seria mais rica de ensinamentos espirituais e não nos arriscaríamos a ofender a dignidade das potências divinas. Com efeito, não seríamos levados a imaginar que o céu está cheio de rebanhos de leões, manadas de cavalos, bandos de pássaros e de outros animais com essas alegorias inadequadas?

Mas se procurarmos a verdade estará claro para nós, que os autores Sagrados tiveram o cuidado providencial de simultaneamente dar expressão contida a tudo isso que os nossos contraditores consideram um ultraje às potências divinas e nos pouparão dos riscos de uma ligação excessiva a tudo que tais símbolos podem ter de baixo e vulgar.

Se é necessário dar figura ao desfigurado, dar forma ao que está sem forma, não é somente porque somos incapazes de contemplar diretamente essas realidades, mas porque convém às passagens místicas das Sagradas Escrituras ocultar sob a forma de enigmas, a santa e misteriosa unidade dessas inteligências que não pertencem a esse mundo. Porque nem todos são santos e como dizem as Sagradas Escrituras: “Mas nem em todos há a ciência...” (1Co 8:7).

Quanto ao caráter inadequado das imagens escriturísticas, é necessário responder a essa objeção afirmando que a revelação do sagrado se faz de dois modos: o primeiro modo procede por imagens adequadas ao seu objeto; o segundo modo pelo contrário passa pela inadequação das imagens que modela levada até à extrema inacreditabilidade, até o absurdo. É por isso que as Sagradas Escrituras se referem a Trindade sobreessencial com os nomes de Razão, Inteligência e Essência, manifestando assim o que convém atribuir a Deus de racionalidade e sabedoria: designando-A como Substância que subsiste por si própria, como causa verdadeira da existência de todos os seres, ou ainda, como Luz e Vida.

Essas designações são seguramente mais santas e parecem de algum modo superiores às imagens materiais. Mas na realidade elas são menos deficientes que as outras se se pretender significar toda a Verdade da própria Divindade que está para lá de toda a essência e de toda a vida e que não se caracteriza por nenhuma luz, da qual nenhuma razão e nenhuma inteligência pode dar uma imagem autêntica.

É por isso que também acontece de celebrar-se nas mesmas Escrituras a Trindade, representando-A de um modo que não é desse mundo, por imagens que não se Lhe assemelham de modo algum. Elas descrevem-Na

como invisível, ilimitada e incompreensível, não procurando significar o que Ela é, mas o que Ela não é.

A meu ver, essa segunda maneira de celebrar a Santíssima Trindade Lhes convém melhor, porque seguindo a tradição sagrada nós temos razão em dizer que Ela não é nada do que são os outros seres, e nós ignoramos essa indefinível Sobreessência que não se pode pensar nem dizer.

Assim, as negações são verdadeiras no que concerne aos mistérios divinos, enquanto que toda afirmação pela positiva permanece inadequada. Convém mais ao caráter secreto d'Aquele que permanece em si próprio incomum, não revelar o invisível a não ser através de imagens sem semelhança com o seu objeto.

Portanto, longe de humilhar as legiões celestes as alegorias honram-nas, porque mostram até que ponto essas legiões que não pertencem a este mundo excluem toda a materialidade.

A utilização de figuras sagradas de natureza mais elevada nos induziria mais facilmente a erros, porque elas nos levariam a imaginar as essências celestes como figuras de ouro, ou como seres luminosos lançando raios, ou como seres de bela estatura revestidos de suntuosas vestes repletas de esplendor, ou sob todas as outras formas do mesmo gênero de que a teologia fez uso para representar as inteligências celestes: “O que falava comigo tinha uma cana de ouro de medir, para medir a cidade, as suas portas e o muro” (Apoc 21:15).

“Como estivessem olhando para o céu, quando Ele ia subindo, eis que se apresentaram junto deles dois personagens vestidos de branco...” (At 1:10). “E, fixando Nele os olhos todos os que estavam sentados no conselho, viram o Seu rosto como o rosto de um anjo” (At 6:15). “Passados quarenta anos, apareceu-lhe no deserto do Monte Sinai um anjo na chama de uma sarça que ardia” (At 7:30). “Porque um anjo do Senhor desceu do Céu, e, aproximando-se, revolveu a pedra e sentou sobre ela. O seu aspecto era como um relâmpago. A sua veste branca como a neve” (Mt 28:2-3).

Não importa qual imagem possa servir de ponto de partida para a bela contemplação, o que importa é que possamos nos apoiar em figurações materiais para aplicar a esses seres que são inteligíveis e inteligentes as metáforas sem semelhança com o objeto do qual falamos atrás, na condição de nunca esquecermos a grande diferença existente entre o comportamento dos seres inteligentes e o comportamento dos seres sensíveis (esses são privados de razão).

As alegorias sagradas são usadas pelos teólogos não somente para revelarem as ordens celestes, mas também para manifestarem os mistérios de Deus. Ainda que se refiram a Ele fazendo apelo às mais belas imagens como: Sol de Justiça; Estrela da Manhã (Apoc 22:16; Núm 24:17; 2Pdr 1:19), Luz Radiante (Jo 1:5) e apelo a símbolos de nível mediano como: Fogo que queima sem consumir (Êx 3:2), Água que conduz à plenitude da vida e de metáforas vulgares quando se fala por exemplo de Ungüento suave; Pedra Angular (Ef 2:20), mesmo assim as Sagradas Escrituras fazem ainda uso de figuras animais quando atribui a Deus qualidades do leão e da pantera ou quando apresenta-O como um leopardo ou como um urso que perdeu os seus filhos (Os 13:7).

Finalmente, o apelo à metáfora mais indigna de todas e que parece ser a mais inadequada: com efeito, não foi sob a forma de um vaso de terra que os admiráveis intérpretes dos ministérios divinos nos representaram?

Por tudo isso, vemos que nada há de absurdo, quando os teólogos representam igualmente as essências celestes por imagens inadequadas que não apresentam nenhuma semelhança com o seu modelo original. Talvez não tivéssemos procurado a interpretação espiritual minuciosa dessas santas realidades, se não tivéssemos perturbados pelo caráter disforme das imagens que nas Sagradas Escrituras representam os anjos.

Capítulo III

Hierarquia é uma santa ordem, um saber e uma ação tão próxima quanto possível da forma divina elevada à imitação de Deus na medida das iluminações divinas. Na sua simplicidade, na sua bondade, na sua perfeição fundamental, na perfeição que convém a Deus, comunica a cada ser segundo o seu mérito uma parte da sua própria luz. Ela o aperfeiçoa através da iniciação divina, revestido da sua própria forma, de modo harmonioso e estável àqueles que ela aperfeiçoou.

A finalidade da hierarquia consiste em conferir às criaturas tanto quanto possível a semelhança divina para uní-las a Deus. Deus é para a hierarquia, com efeito, o mestre de todo o conhecimento e de toda a ação. Ela não cessa de contemplar a Sua divina bondade e dos seus seguidores ela faz imagens perfeitas de Deus. Tendo recebido a plenitude do Seu esplendor elas são capazes, seguindo os preceitos da Trindade, de transmitir essa luz até mesmo aos seres que lhe são hierarquicamente inferiores.

Assim, quando se fala de hierarquia, se entende por isso uma certa ordenação perfeitamente santa, imagem do esplendor divino, tendendo tanto quanto possível e sem sacrilégio assemelhar-se Àquele que é o seu próprio princípio. Para cada um dos membros da hierarquia a perfeição consiste em imitar a Deus o melhor que puder, tornando-se “cooperadores” Dele.

“Efetivamente, nós somos cooperadores de Deus...” (1Cor 3:9).

Se, por exemplo, a ordem hierárquica impõe a uns a função de receber a purificação e a outros a de purificar; a uns a de receber a iluminação e a outros a de iluminar; a uns a de receber o aperfeiçoamento e a outros a de aperfeiçoar; cada um imitará a Deus segundo o modo que convém a sua própria função.

Convém, que os purificados se libertem de toda a impureza e de toda a dissemelhança; que os iluminados recebam a plenitude da luz divina e que elevem a sua inteligência até atingirem a capacidade de contemplar; que os perfeitos tenham abandonado toda a imperfeição e tomem parte da perfeição dos iniciados; e que os iluminadores, com inteligências mais transparentes que as outras, difundam essa luz por todos os lados e por todos aqueles que forem dignos dela.

Assim, cada escalão da ordem hierárquica na medida de suas forças eleva-se para a cooperação divina e ao seu redor cada um revela essa cooperação às inteligências que amam a Deus, cumprindo na virtude e sob a ação da Graça o que a própria Divindade cumpre graças ao Seu caráter sobreessencial.

Capítulo IV

Antes de mais nada, queremos afirmar em primeiro lugar que foi por bondade que a Divindade criou essa ordem hierarquia, porque Lhe pertence esse Bem totalmente transcendente a chamar todos os seres para entrarem em comunhão com Ela na medida da capacidade de cada um. É por isso que tudo que existe tem alguma relação com a Divindade, a Causa Universal, porque sem a participação n' Ela que é a essência e o princípio de todo o ser, nada existiria.

É, portanto, a esses seres que recebem de forma inicial e múltipla a participação divina e que revelam ao seu redor de modo original e múltiplo o mistério da Divindade, que é atribuído de forma louvável e sublime o título de seres angélicos — pois eles receberam em primeiro lugar a iluminação e é por intermédio deles que nos são transmitidas essas revelações que ultrapassam a todos nós. Como ensina a teologia, a Lei nos foi transmitida pelos anjos.

“Para que é então a Lei? Foi acrescentada por causa das transgressões, até que viesse a descendência, a quem tinha sido feita a promessa, e foi promulgada pelos anjos na mão de um mediador” (Gál 3:19).

Foram os anjos que guiaram os nossos veneráveis antepassados em direção às realidades divinas; tanto nos tempos que precederam a Lei, como no tempo da Lei; tanto na prescrição a eles de regras de conduta desviando-os de uma vida repleta de erros e de pecados, assim como na revelação da interpretação da santa hierarquia e das visões secretas dos mistérios que não são deste mundo; como também ainda na revelação das profecias divinas.

“Vós, que recebestes a Lei por ministério dos anjos e não a guardastes” (At 7:53). “Este viu claramente numa visão, cerca da hora de Noa, que um anjo de Deus se apresentava diante dele e lhe dizia: Cornélio” (At 10:3).

Se argumentar-se que Deus manifestou-Se sem intermediários a algum santo, que se saiba que nunca ninguém O viu e nem jamais O verá, porque essa verdade provem claramente das Sagradas Escrituras e é a própria substância de Deus naquilo que tem de mais secreto.

“Ninguém jamais viu a Deus; o Unigênito, que está no seio do Pai, Ele mesmo é que O deu a conhecer” (Jo 1:18). “...Que é o Único que possui a imortalidade e que habita numa Luz inacessível, O qual não foi nem pode ser visto por nenhum homem, ao qual seja dada honra e império sempiterno. Amém” (1Tim 6:16).

Seguramente, Deus apareceu a certos homens piedosos segundo o modo que convinha a Sua divindade, revelando-Se por visões adaptadas à medida dos visionários. A santa teologia tem razão ao chamar visão divina — Teofania — a essa espécie de aparição, na qual se reflete a semelhança divina segundo o modo que convém à figuração do infigurável, isto é, elevando espiritualmente os visionários para as realidades divinas. Com efeito, através dessa visão os visionários recebem a plenitude da iluminação divina e uma certa iniciação sagrada em relação aos mistérios de Deus. Os nossos ilustres antepassados não foram iniciados através dessas visões, senão por intermédio das potências celestes.

Há de se cogitar, que a tradição escriturística afirma que os mandamentos da Lei foram transmitidos diretamente por Deus a Moisés. Certamente! Mas se as Sagradas Escrituras assim se exprimem é para que não ignoremos que essas prescrições são a própria imagem da Lei divina e sagrada. A teologia ensina sabiamente que essas prescrições vieram até nós por intermédio dos anjos, para que a ordem instituída pelo Divino Legislador nos ensine que é por intermédio de seres hierarquicamente superiores que se elevam espiritualmente para o Divino aqueles que Lhe são inferiores.

“Porque, se a palavra anunciada pelos anjos ficou firme, e toda a prevaricação e desobediência recebeu a justa retribuição que merecia...” (Hebr 2:2).

Mesmo ao que concerne ao mistério divino do amor de Jesus pelos homens foram os anjos que em primeiro lugar receberam a iniciação. E foi por intermédio deles que esse conhecimento desceu até nós.

Foi assim que o divino Gabriel ensinou ao grande sacerdote Zacarias que o filho que iria ter contra toda a sua esperança, mas pela graça de Deus, seria o profeta da obra divino-humana, através do qual Jesus operaria para bem do mundo e para a sua salvação.

Igualmente o arcanjo Gabriel ensinou à Santíssima Virgem Maria que nela se cumpriria o mistério da Encarnação. Um outro anjo instruiu José sobre a verdade dos acontecimentos e sobre o cumprimento das promessas divinas feitas a Davi. Foi um anjo que difundiu a boa nova aos pastores, que eram de algum modo homens purificados pela vida tranqüila que levavam e afastados das multidões, ao mesmo tempo que os exércitos celestes transmitiam a toda a terra o célebre cântico de glorificação “Glória a Deus nas alturas, paz na terra aos homens a quem Ele ama”.

Por intermédio dos anjos José foi avisado que ele deveria partir para o Egito e assim novamente quando de seu regresso a Judéia. Não falou também Jesus a nós como um mensageiro quando Ele nos comunicava a vontade do Pai?

Capítulo V

Importa agora procurar a razão pela qual os teólogos chamam anjos a todas as essências celestes indistintamente, enquanto reservam o termo angélico mais propriamente à ordem mais baixa que é subordinada às legiões dos Arcanjos, dos Principados, das Potestades, das Dominações, essências das quais a tradição revela e as Escrituras reconhecem como superiores.

Ora, nós afirmamos que em toda a ordenação sagrada as ordens superiores possuem todas as iluminações das ordens inferiores, sem que essas últimas participem nos privilégios das que lhe são superiores. É por isso que os teólogos chamam de anjos os escalões mais altos e mais santos das essências celestes, porque eles são reveladores da iluminação divina.

Quando fazemos referências à ordem inferior não seria adequado designar os seus membros de Principados, Tronos ou Serafins, porque eles não participam de modo algum das capacidades das essências celestes que possuem um nível superior. O que podemos afirmar é que se todos os anjos recebem um nome comum isto se sucede também pelo fato das potências celestes possuírem em comum o poder de permanecerem em harmonia com Deus e de entrarem em comunhão com a luz que vem de Deus.

Capítulo VI

Quais e quantas são as ordens desses seres que vivem no Céu? Como é que cada hierarquia recebe a sua consagração ou o seu aperfeiçoamento? Afirmo que apenas o Princípio Divino poderia responder exatamente a essas questões. Mas os seres angélicos não ignoram nem as qualidades que lhes são próprias, nem a hierarquia sagrada que os rege e que não pertence a este mundo.

É impossível conhecermos os segredos das inteligências que vivem no céu, a menos que Deus nos revele por intermédio dessas mesmas inteligências, as quais não ignoram a sua própria natureza. Portanto, não faremos nada de nossa própria autoria e nos contentaremos em expor na medida dos nossos conhecimentos essas visões angélicas, tal como os santos teólogos as contemplam e tal como eles a nós revelaram.

Os seres angélicos dividem-se em três ordens e possuem nove nomes.

A primeira ordem rodeia a Deus de modo permanente e está unida a Ele constantemente. Ela está em primeiro lugar e não possui qualquer mediação: são os Tronos santíssimos e os batalhões notáveis por seus números de olhos e de asas que recebem os nomes de Querubins e Serafins. Eles têm uma proximidade de Deus superior a todos os outros. Essa ordem de três batalhões formam uma só e constitui a primeira hierarquia de nível igual.

A segunda ordem compõe-se de Virtudes, Dominações e Potestades constituindo a segunda hierarquia.

A terceira ordem constitui a última hierarquia celeste. É a ordem dos Anjos, Arcanjos e Principados.

Capítulo VII

Todos os nomes atribuídos às inteligências celestes designam capacidades para eles receberem a semelhança divina.

Querubim em hebraico significa “aquele que arde”. Significa também “massa de conhecimento e efusão de sabedoria”.

A primeira hierarquia é a mais sublime de todas e graças a sua proximidade com Deus recebe primeiro que as outras as aparições Dele e os seus nomes revelam o modo como se ligam a Ele.

Os Serafins têm como qualidades especiais o movimento perpétuo em torno dos segredos divinos, o calor, a profundidade, o ardor dum constante movimento que não conhece diminuição, o poder de elevarem eficazmente as suas semelhanças aos que lhes são inferiores, comunicando-lhes o mesmo ardor a mesma chama e o mesmo calor. Eles têm o poder de purificarem a evidente e indestrutível aptidão para conservarem a sua própria luz, o seu poder de iluminação e a faculdade de abolirem todas as trevas.

Os Querubins designam aptidões a conhecerem e a contemplarem a Deus, a receberem os mais altos dons da Sua Luz, a contemplarem na sua potência primordial o esplendor divino, a acolherem em si a plenitude dos dons que transmitem sabedoria e a comunicá-los em seguida às essências inferiores graças a expansão da própria sabedoria que lhes foi transmitida.

Os Tronos, sublimes e luminosos, indicam a ausência total de qualquer concessão aos bens inferiores e a tendência contínua para os cumes, que sublinha bem o fato de eles nada terem em comum com o que lhes está abaixo. Eles indicam a sua infalível aversão a toda indignidade, a grande concentração de toda a sua capacidade para se manterem constante e firmemente perto do Altíssimo, a capacidade de receberem indiferentemente todas as visitas da Divindade, o privilégio que têm de servirem de assento a Deus e o seus zelos em se abrirem aos dons de Deus.

Essa é a explicação de seus nomes na medida do que nos é possível revelar aos homens.

Resta-nos dizer o que entendemos pela suas hierarquias. Que o objetivo de toda hierarquia é imitar constantemente a Deus; que toda a função hierárquica consiste em acolher e transmitir a pureza sem mistura da luz divina e da sabedoria, como já o dissemos.

Agora proponho-me a mostrar o que as Escrituras revelam das suas hierarquias.

Esses seres angélicos constituem uma só hierarquia inteiramente homogênea. Devemos pensar que eles são puros não apenas por estarem livres de todo o pecado e de tudo o que é profano, mas porque eles ignoram toda a imaginação material; porque estão acima de toda a fraqueza; porque a sua sublime pureza ultrapassa a de quaisquer outras inteligências angélicas; porque conservam sem qualquer perda ou corrupção a estabilidade perpétua do poder que possuem de estarem em harmonia com Deus.

Eles são igualmente contemplativos. Não porque contemplem intelectualmente símbolos nem porque se elevem espiritualmente através de santas alegorias, mas porque recebem em toda a plenitude o saber de uma Luz superior através da contemplação desse Ser Sobreessencial e triplamente luminoso, que está na origem e no princípio de toda a beleza. Eles têm igualmente o mérito de entrarem em comunhão com Jesus através de uma verdadeira proximidade, pois tomam parte no conhecimento de Suas operações divinas, uma vez que lhes foi dada no mais alto grau a capacidade de imitarem a Deus. Eles entram em contato tanto quanto lhes é possível com as virtudes, pelas quais Ele exerce a Sua ação divina face aos homens e manifesta o Seu amor por eles.

Eles são perfeitos não pela iluminação de uma sabedoria que lhes permitiria analisar a variedade dos santos mistérios, mas pela plenitude duma deificação, pela ciência superior que possuem na qualidade de mensageiros das operações divinas. É diretamente de Deus que eles recebem a iniciação

sagrada e é graças a esse poder de se elevarem diretamente até Deus, que eles devem a superioridade sobre todos os outros seres.

Os teólogos mostram claramente que as ordens inferiores das essências celestes aprendem de seus superiores tudo o que lhes concernem às operações divinas, enquanto que a ordem mais elevada é iniciada por Deus. Eles nos revelam, que certos anjos são iniciados por aqueles que possuem um nível mais elevado que o seu e que aprendem através desses, que Deus é o Senhor das potências celestes, o Rei da Glória, que sob a forma humana subiu aos céus. Outros recebem de Jesus Cristo a sua iniciação sem intermediários, recebendo d'Ele antes de todos os outros a revelação da obra redentora que Ele levou a cabo por amor aos homens.

“Eu sou (responderá Ele) O que falo a justiça, e venho para defender e salvar” (Is 63:1).

Assim é, tanto quanto eu posso conhecer, essa primeira ordem das essências celestes, aquela que rodeia a Deus e que se situa na Sua vizinhança, aquela que envolve o Seu perpétuo conhecimento. Ela pode não somente contemplar, mas ainda receber iluminações e sustentar-se do maná divino.

Digna ao mais alto nível, de entrar em comunhão e em cooperação com Deus, essa primeira ordem assemelha-se tanto quanto pode à bondade dos poderes e das operações próprias a Deus.

É por isso que a teologia nos transmite os hinos que cantam esses anjos, onde se manifesta o caráter transcendente da sua sublime iluminação. Se ousarmos utilizar uma imagem terrena, eles se assemelham à voz de uma torrente tempestuosa quando gritam: “Bendita seja a glória do Senhor, que se vai do seu lugar” (Ez 3:12). Outros anjos entoam o hino célebre e venerável: “Santo, Santo, Santo, é o Senhor Deus dos exércitos, toda a terra está cheia da Sua glória” (Is 6:3).

Nessa primeira ordem das essências celestes estão os lugares divinos, onde segundo a expressão das Sagradas Escrituras a Divindade “repousa”. Essa ordem ensina também aos outros anjos que a Divindade é una. Una em

Três Pessoas e que Ela exerce a sua Providência benfeitora desde as essências que vivem no céu até as mais baixas criaturas terrenas, pois Ela é o Princípio e a Causa de toda a essência e é Ela que envolve o universo inteiro de modo sobreessencial num abraço irresistível.

Capítulo VIII

Abordaremos agora a segunda ordem das inteligências celestes iniciando-nos no conhecimento das Dominações, Virtudes e Potestades.

Cada uma dessas denominações revela a forma própria de cada inteligência angélica de imitar e se configurar a Deus.

O nome das santas Dominações significa a elevação espiritual livre de qualquer compromisso terreno tal como convém a uma entidade incorruptível e verdadeiramente livre, tendendo com um firme vigor para o verdadeiro princípio de toda a Dominação, recebendo ela e os seus subordinados à medida das suas forças a semelhança do Senhor e participando do princípio constante e divino de toda a Dominação.

No que concerne às santas Potestades o seu nome indica uma certa vigorosidade corajosa em todos os atos pelos quais se configuram a Deus. Uma vigorosidade que exclui qualquer enfraquecimento de forças no recebimento das iluminações divinas que lhe é outorgada; uma vigorosidade que se eleva corajosamente até a imitação de Deus e que não abandona a ascensão à forma divina e cujo olhar permanece rigidamente direcionado para a fonte de toda a potestade Sobreessencial. Porque essa vigorosidade torna-se imagem da potestade, da qual ela assume a forma, ligando-se a ela com todas as suas forças para fazer descer sobre as essências inferiores o seu processo dinâmico e deificante.

O nome das Virtudes indica que ela tem o nível igual das Dominações e Potestades. Ela é disposta harmonicamente e sem confusão para receber os dons divinos. Ela indica ainda que o poder intelectual que lhe pertence é perfeitamente ordenado e que longe de abusar do seu poder ela se eleva harmoniosamente para as realidades divinas, conduzindo na sua bondade as essências inferiores e imitando tanto quanto pode a virtude fundamental, que é a fonte de toda a virtude sem deixar de difundí-la na medida de sua capacidade.

Eis como a segunda hierarquia das inteligências celestes manifesta a sua identidade com Deus. É assim que ela se purifica, se ilumina e se aperfeiçoa graças às iluminações divinas que lhe são transmitidas pelos membros da primeira ordem hierárquica.

Essa tradição, que se transmite regularmente de anjo a anjo, simbolizará a nós essa perfeição que vinda de longe, se confunde descendo progressivamente do primeiro ao segundo nível. Do mesmo modo, as evidentes perfeições das realidades divinas são mais perfeitas que as participações nas visões divinas que se fazem através de intermediários. Assim parece-me que a participação imediata das ordens angélicas que mais se aproximam de Deus é mais clara que a dos anjos cuja iniciação é mediata. É por isso que segundo os termos consagrados pela nossa tradução as primeiras inteligências iluminam e purificam as que têm um nível (hierárquico) inferior, de modo que essas últimas elevadas por intermédio da primeira até o princípio Universal e Sobreessencial tomem parte tanto quanto lhes é possível nas iluminações e nos aperfeiçoamentos operados por Aquele, que é o princípio de toda a perfeição.

A Lei Universal, pela qual as essências celestes da segunda ordem participam por intermédio das de primeira ordem nas iluminações divinas, é instituída pelo Princípio Divino.

Deus no Seu amor paternal pelos homens depois de ter corrigido Israel para convertê-lo e reconduzi-lo ao caminho da salvação, livrou-o em primeiro lugar da barbárie vingativa das nações, a fim de assegurar o aperfeiçoamento aos homens submetidos a Sua providência e praticou em seguida o ato de libertá-lo de seu cativeiro e de devolvê-lo a sua antiga felicidade. Como diz as Sagradas Escrituras segundo a visão de um de seus teólogos Zacarias (Zac 1:8-17), parece ter sido um anjo da primeira ordem, daqueles que vivem junto de Deus, que recebeu do próprio Deus as palavras consoladoras. Foi enviado ao encontro do primeiro um outro anjo pertencente aos níveis inferiores para receber e transmitir a iluminação e que uma vez iniciado na vontade divina, confiou ao teólogo a santa nova de que Jerusalém refloresceria e que multidões de homens a repovoariam.

Um outro teólogo Ezequiel declara que essa lei foi santamente instituída por Deus e que na Sua glória mais elevada do que qualquer outra, Ele comanda os Querubins.

“Estes são os mesmos animais que eu vi debaixo do Deus de Israel, junto do rio Cobar; e conheci que eram Querubins” (Ez 10:20).

Deus no Seu amor paternal pelos homens e querendo punir Israel para os ensinar ordenou por um ato de justiça que os inocentes fossem separados dos responsáveis. É o primeiro dos Querubins que segundo o texto sagrado recebe a santa ordem e se reveste de um manto que caí até os pés como símbolo da sua função sagrada. Em seguida, somente o Príncipe Divino de toda a ordem prescreve ao primeiro dos anjos que o segredo da decisão divina seja transmitido àqueles anjos que usam armas destruidoras. Lhe é ordenado ainda que atravesse toda a cidade de Jerusalém e marque os inocentes nas suas fronteiras. Aos outros anjos Ele ordena: “Passai pelo meio da cidade, seguindo-o, e feri: não sejam compassivos os vossos olhos, nem tenhais compaixão alguma. O velho, o jovem e a donzela, o menino e as mulheres, matai todos, sem que nenhum escape; mas não mateis nenhum daqueles sobre quem virdes o tau; começai pelo Meu santuário. Começaram, pois pelos anciãos que estavam diante da casa do Senhor” (Ez 9:5-6).

E que dizer ainda daquele anjo que anunciou a Daniel: “Desde o princípio das tuas preces, foi dada esta ordem, e eu vim para te descobrir, porque tu és um varão de desejos; toma, pois, bem sentido no que vou dizer-te e compreende a visão” (Dan 9:23).

Ou daquele que recebe o fogo do meio dos Querubins: “E (o Senhor) falou ao homem que estava vestido de roupas de linho, dizendo: Vai ao meio das rodas que estão debaixo dos Querubins, enche a tua mão de carvões ardentes, que estão entre os Querubins, e espalha-os sobre a cidade...” (Ez 10:2).

E ainda daquele que demonstra mais claramente a boa ordem que preside aos anjos: o Querubim que toma o fogo e o põe nas mãos daquele que estava vestido de roupas de linho (Ez 10:6-7).

Que dizer igualmente daquele que chamou o divino Gabriel e lhe disse: “Ouvi a voz dum homem no meio de Ulai, o qual gritou e disse: Gabriel, explica-lhe esta visão” (Dan 8:16).

Ou que dizer enfim de todos os outros exemplos fornecidos pelos santos teólogos?

Capítulo IX

Falta-me contemplar a terceira ordem que termina a hierarquia angélica e que se compõe de Principados, Arcanjos e Anjos. Creio que em primeiro lugar é preciso explicar o sentido desses nomes sagrados.

O nome dos Principados celestes significa que eles possuem na ordem sagrada um princípio e uma hegemonia de forma divina; que eles possuem das potências de comando da mais alta conveniência o poder de se converterem inteiramente ao Princípio que está acima de todo o princípio e de conduzirem os outros para eles com uma autoridade primordial e de revelarem o Princípio Sobreessencial de toda a ordem pela harmonia do seu comando.

Os Santos Arcanjos têm o mesmo nível que os Principados celestes e formam uma única hierarquia juntamente com os Anjos.

A ordem dos Arcanjos, graças ao seu lugar intermediário na hierarquia, participa nos dois extremos uma vez que ela entra em comunhão com os Principados e com os Anjos. Em um dos extremos ela participa no sentido de sua conversão ao Princípio Sobreessencial e lhe confere a unidade graças aos poderes invisíveis da harmonização; no outro extremo ela participa no sentido de também pertencer ao nível dos intérpretes, recebendo hierarquicamente a iluminação por intermédio das potências do primeiro nível transmitida aos Anjos e por intermédio desses transmitida a nós na medida em que cada um possa recebê-la através dos segredos divinos.

Como já dissemos, os Anjos terminam e completam a regra das inteligências celestes, porque são eles que possuem entre elas o mais baixo grau da qualidade angélica e se nós os designamos por anjos é precisamente porque por seu intermédio se manifesta a sua hierarquia mais claramente aos nossos olhos.

A ordem superior (Tronos, Querubins e Serafins) mais próxima — pela sua dignidade — do Santuário Secreto inicia misteriosamente a segunda ordem, aquela que se compõe das Dominações, Potestades e Virtudes, que por outro lado comanda os Principados, Arcanjos e Anjos. A segunda ordem revela os mistérios menos secretamente que a primeira ordem mas menos abertamente que a última. A função reveladora pertence à ordem dos Principados, Arcanjos e Anjos. É ela que através dos graus da sua própria ordenação preside as hierarquias humanas, a fim de que se produzam de modo ordenado a elevação para Deus, a conversão, a comunhão, a união e ao mesmo tempo o movimento que provem de Deus que gratifica liberalmente todas as hierarquias e dons e as ilumina, fazendo com que essas hierarquias humanas entrem em comunhão com essa função reveladora. Daí resulta, que a teologia reserva aos Anjos o cuidado pela nossa hierarquia chamando a Miguel o arconte (magistrado da Grécia antiga) do povo judeu e aos outros anjos arcontes de outras nações, porque: “Quando o Altíssimo dividiu as nações, quando separou os filhos de Adão, fixou os limites dos povos segundo os números dos filhos de Israel” (Dt 32:8) (versão dos 70).

Se nos perguntarmos como é que apenas o povo judeu foi elevado às iluminações de origem divina? É necessário dizer que os anjos preencheram de justiça a sua função de vigilância e não é culpa deles se outras nações se envolveram no culto de falsos deuses. Foram essas nações, com efeito, que pelos seus próprios movimentos abandonaram a via da ascensão espiritual para o divino. Foi à medida do seu orgulho e da sua presunção que elas veneraram os ídolos que lhes pareciam divinos. O povo hebreu testemunha propriamente essa verdade, pois a ele sucedeu-se o mesmo acidente. Porque as Sagradas Escrituras dizem: “O meu povo calou-se, porque não teve ciência. Porque tu (ó sacerdote) rejeitaste a ciência, também Eu te rejeitarei a ti” (Os 4:6).

Nem a nossa vida é necessariamente determinada, nem a liberdade dos seres submetidos à Providência das luzes divinas priva essas luzes do seu poder de iluminação providencial. Mas é a suficiente assimilação das visões — e da sabedoria que por elas é transmitida — que impede toda a participação nos dons luminosos da bondade paternal e constitui obstáculo a sua difusão, na

medida em que torna as comunicações desiguais, pequenas ou grandes, obscuras ou claras, enquanto que a Fonte Radiante permanece única e simples sempre idêntica a si própria e superabundante. É assim mesmo entre as outras nações, nações das quais nós nos elevamos para o oceano indefinido e generoso dessa Luz Divina, que difunde os Seus dons sobre todos os seres. É para o único Princípio Universal que os anjos encarregados de cuidar de cada nação elevaram todos aqueles que os quiseram seguir.

Lembremo-nos de Melquisedec que teve em si próprio um grande amor a Deus, do Deus Altíssimo e Verdadeiro. Os conhecedores da Sabedoria Divina não se contentaram em chamá-lo de amigo de Deus, mas chamaram-no de Sacerdote para indicar claramente aos homens sensatos que o seu papel não foi somente o de converter-se ao culto do verdadeiro Deus, mas ainda enquanto grande sacerdote teve a função de conduzir a outros na ascensão espiritual, a qual leva à Única e Verdadeira Divindade.

“E Melquisedec, rei de Salém, trazendo pão e vinho, porque era sacerdote do Deus Altíssimo” (Gên 14:18).

Não nos esqueçamos do faraó que aprendeu sob a forma de visão de um anjo dedicado ao cuidado dos egípcios (Gên 41:1-7), tal como do príncipe dos Babilônios que aprendeu através do seu anjo particular; a solicitude do poder universal (Dan 12). Ministros do verdadeiro Deus, os anjos foram instituídos como condutores dessas nações para interpretar as visões enviadas por Deus sob a forma alegórica, por intermédio de homens cuja santidade era próxima a dos anjos como Daniel e José; porque no Universo há um só Princípio e uma só Providência. Não poderíamos imaginar que Deus partilhasse o governo do povo judeu com anjos ou falsos deuses. As expressões que nos poderiam fazer crer nisso, devem ser interpretadas segundo um sentido sagrado. Elas não significam que Deus tenha partilhado o governo da humanidade, mas sim que neste mundo em que a Providência universal do Altíssimo tinha confiado para a salvação de todos os povos com anjos encarregados de os conduzir a Ele, foi só Israel que converteu-se à Luz e confessou o verdadeiro Senhor. Por isso, para mostrar que Israel tinha se

devotado ao culto do verdadeiro Deus as Sagradas Escrituras exprimem-se assim: “A porção, porém, do Senhor é o Seu povo” (Dt 32:9).

Mas para mostrar que um dos anjos foi designado para a função de conduzir esse povo à confissão d’Aquele que é o Princípio Único e Universal, a teologia relata igualmente que Miguel preside ao governo do povo judeu. “Mas Eu te anunciarei o que está expresso na Escritura da Verdade; e em todas estas coisas ninguém Me ajuda senão Miguel, que é o vosso príncipe” (Dan 10:21).

As Sagradas Escrituras nos ensinam assim de modo claro, que não existe mais do que uma só Providência para o universo inteiro. Providência sobreessencialmente, transcendente a toda a potência visível ou invisível. Na medida do possível, todos os anjos dedicados a cada nação elevam para essa Providência aqueles que os seguem de bom grado.

Capítulo X

Concluamos, portanto, que a ordem mais antiga dentre as inteligências que envolvem Deus, iniciada nos mistérios pelas iluminações que lhe vêm do próprio Princípio de toda a iluminação, recebe purificação, iluminação e aperfeiçoamento graças ao Dom das iluminações mais secretas da Divindade.

Depois dessa e proporcionalmente a sua natureza vem a segunda ordem, depois a terceira e por último a hierarquia humana. Todas as ordens se elevam hierarquicamente para o Princípio fundamental de toda a harmonia. Elas são reveladoras e mensageiras das que as precedem. Deus as distinguiu segundo os modos de harmoniosa deificação que convém em particular a cada uma. Os teólogos dizem que os Serafins trocam mútuos clamores mostrando assim segundo creio e de modo claro, que os primeiros transmitem aos segundos conhecimentos teológicos. “Clamavam um para o outro e diziam: Santo, Santo, Santo é o Senhor Deus dos exércitos” (Is 6:3).

Capítulo XI

Uma vez colocada essas questões convem considerar porque razão nos acostumamos a chamar igualmente “potências celestes” a todas as essências angélicas. Não podemos dizer como o fizemos para o termo Anjo, que a ordem das Santas Potestades é a última das ordens e que as essências superiores participam na iluminação das ordens inferiores e que essas últimas não tomam parte na iluminação das primeiras. Tal explicação não justificaria a extensão do nome de potestades celestes a todas as inteligências divinas dos Serafins, dos Tronos ou das Dominações em virtude do princípio segundo o qual as ordens inferiores não participam nas propriedades das superiores. Restariam os Anjos e antes deles os Arcanjos, os Principados e as Virtudes que os teólogos subordinam às Potestades e que recebem freqüentemente na linguagem comum o nome de potestades ou potências celestes ao mesmo título que os outros anjos.

Ao usar o nome de potestades para designar todas as essências não introduzimos nenhuma confusão nas propriedades de cada ordem. No seio de todas as inteligências divinas distinguimos com efeito três qualidades: a essência, a potência e o ato. Se nos ocorre designá-las indistintamente por essências ou potências celestes importa considerar que o fazemos por rodeio de palavras e não se trata de atribuir na totalidade às essências subordinadas a eminente propriedade das santas potestades. Como já foi dito, as ordens superiores possuem as propriedades das inferiores, porque somente uma parte das iluminações primordiais é transmitida às ordens inferiores à medida de suas capacidades.

Capítulo XII

Vejam os um outro problema que é colocado a quem quer que se envolva no estudo escriturístico minucioso: Uma vez que as últimas ordens não participam inteiramente nas ordens superiores, porque é que os grandes sacerdotes da hierarquia humana recebem nas Sagradas Escrituras o título de anjos do Senhor Todo Poderoso?

“Porque os lábios dos sacerdotes serão os guardas da ciência; da sua boca se há de aprender a lei, porque ele é o anjo do Senhor dos exércitos” (Ml 2:7; cf. Apoc 2:1).

Creio que o uso desse termo não contradiz as definições dadas até o momento. Quando se diz que às inteligências da terceira ordem falta a inteira potência, integral e sublime que pertence às ordens mais antigas, entende-se que elas participam na medida de suas forças numa comunhão única e universal, harmoniosa e sintética. Assim é, por exemplo, que se a ordem dos Querubins participa numa sabedoria mais elevada, as legiões formadas de essências inferiores participam também na sabedoria, mas de forma mais parcial. A participação geral na sabedoria é a característica comum a todas as inteligências que vivem em conformidade com Deus.

O que não é comum é o caráter mais ou menos imediato e primordial dessa participação, grau que se define para cada essência na medida de suas próprias capacidades. Essa verdade pode ser aplicada sem risco a todas as inteligências divinas, porque assim como as primeiras ordens possuem as propriedades de suas subordinadas, também as últimas possuem as propriedades das suas superiores, não do mesmo modo, mas de modo inferior. Eu não vejo inconveniente que um grande sacerdote da hierarquia humana seja chamado de anjo pelos teólogos, porque ele participa segundo a sua própria capacidade no papel de intérprete dos anjos e na medida de suas possibilidades tende a imitar o seu poder revelador.

Notaremos, que a teologia concede o título de deuses às essências celestes e chama também “deuses” aos homens que se distinguem pelo seu amor a Deus e pela sua santidade: “Jacó pôs àquele lugar o nome de Fanuel, dizendo: Eu vi a Deus face a face, e a minha alma foi salva” (Gên 32:30). “E o Senhor disse a Moisés: Eis que Te constituí deus do faraó, e Arão, teu irmão, será teu profeta” (Êx 7:1). “Eu disse: Sois deuses” (Sl 81:6).

Ora, o mistério divino é transcendente; o seu caráter sobreessencial separa-o de todas as coisas e nenhum ser vivo merece em propriedade ser nomeado do mesmo modo. Toda a inteligência que tende integralmente — no máximo da sua potência — para a união com Deus e que se eleva incessantemente tanto quanto pode para as iluminações divinas imitando o próprio Deus, se isso se pode dizer à medida de suas forças, então merece bem o título de divina.

Capítulo XIII

Prossigamos o nosso caminho e examinemos porque é que se diz que um dos teólogos recebeu a visita de um Serafim. Notemos que Serafim é um anjo da primeira ordem, das mais antigas essências celestes, o qual desce para purificar o profeta.

“Voou para mim um dos Serafins, o qual trazia na mão uma brasa viva, que tinha tomado do altar com uma tenaz” (Is 6:6).

Alguns intérpretes respondem que em virtude da definição já dada aos nomes que se atribuem em comum a todas as inteligências, as Sagradas Escrituras não afirmam que a inteligência que desce para purificar o teólogo pertence a essa ordem superior que se situa próxima a Deus, mas que se trata de um dos anjos que nos são designados a título de ministro sagrado encarregado da purificação do profeta. Seria um desses anjos que teria recebido por semelhança o nome de Serafim, em virtude da operação que realiza apagando pelo fogo os pecados que as Sagradas Escrituras enumeram e restabelecendo na obediência de Deus aquele que tinha sido purificado. Assim, segundo esse estudo minucioso, as Sagradas Escrituras falando simplesmente de Serafim não designam uma dessas inteligências que se situam nas proximidades de Deus, mas designam outras das potências purificadoras que nos são dedicadas.

Um outro estudioso oferece uma solução referente a isso para nos tirar desse embaraço. Esse grande mensageiro, que aparece ao teólogo para iniciá-lo nos segredos divinos, “relatou” a Deus e depois à hierarquia primordial a santidade da sua própria operação purificadora. O estudioso que assim falava, afirmava que a potência divina se difunde por todo lado e penetra todas as coisas de modo irresistível, permanecendo misteriosa não somente pela sua total e sobreessencial transcendência, mas ainda pelo mistério pelo qual envolve todas as suas operações providenciais. Portanto, está claro que a potência divina se revela a quem quer que seja dotado de inteligência e que esteja à medida de suas capacidades receptoras.

Tendo doado sua própria luz às essências mais antigas, ela usa em seguida o serviço dessas mesmas essências para transmitir essa mesma luz de modo harmonioso às essências de ordem inferior, segundo a aptidão visionária de cada ordem. Por outro lado, se preferirmos uma expressão mais clara com imagens mais adequadas temos: a difusão do raio solar atravessa mais facilmente a primeira matéria que é mais transparente que todas as outras. Através dessa matéria o seu próprio esplendor brilha de modo mais visível, mas quando se depara com matérias mais opacas a sua potência de difusão se obscurece, porque as matérias penetradas resistem pela sua própria natureza à passagem da efusão luminosa e esta resistência aumenta progressivamente ao ponto de quase impedir inteiramente a passagem do raio luminoso.

Pela mesma razão, o calor do fogo transmite-se melhor nos corpos que são mais aptos a recebê-lo e que pelo seu movimento interno de ascensão se aproximam mais da sua semelhança, mas logo que se aproxima de substâncias refratárias a sua chama permanece sem efeito ou pelo menos não deixa mais do que um ligeiro traço. O melhor ainda é dizer: o fogo não atua sobre substâncias que não têm afinidade com ele a não ser por intermédio de corpos já familiarizados, de modo a fazer o fogo chegar aos objetos inflamáveis e somente em seguida através deles aquecer a água ou outra substância rebelde à combustão.

É através dessa lei harmoniosa que rege toda a natureza, que o Princípio maravilhoso de toda a ordem visível e invisível manifesta originalmente por efusões benfeitoras a chama da sua própria luz às essências superiores, que por seu intermédio aquelas que vêm depois delas participam na luz divina. Com efeito, essas essências que confessam Deus em primeiro lugar e que tendem mais que todas as outras para a virtude divina, merecem ser as primeiras na imitação divina. São elas que na sua bondade distribuem generosamente às ordens inferiores esse esplendor que as penetra, que por sua vez as distribuem às outras subordinadas. É assim que gradativamente a que precede, distribui à seguinte a luz divina que ela própria recebeu, a qual se distribui providencialmente sobre todas as essências à medida das suas capacidades.

Capítulo XIV

O que significam os números atribuídos tradicionalmente aos anjos.

Mas ainda é conveniente a meus sentidos refletir sobre essa tradição escriturística que atribui aos anjos os números de mil vezes mil e dez mil vezes dez mil (Daniel 7:10), retornando sobre eles mesmos e multiplicando por eles mesmos os números mais elevados que nós conhecemos, para nos revelar claramente que o número das legiões celestes para nós escapa de todas as medidas.

Tal é, com efeito, a multidão desses exércitos bem-aventurados que não são desse mundo, que ela ultrapassa a ordem débil e restrita de nossos sistemas de numeração material e que só pode ser conhecida e definida pela sua própria inteligência e sua própria ciência que não são desse mundo, mas que pertencem ao céu e que elas receberam como dom perfeitamente generoso da Tearquia, pois essa Tearquia conhece o infinito, Ela é a fonte de toda sabedoria, o princípio comum e supraessencial de toda existência, a causa que dá classificação de essência a todo ser, a potência que contem e o termo que abarca a totalidade do universo.

[...]

Capítulo XV

Quais são as imagens figurativas das potências angélicas: o fogo, a forma humana, os olhos, o nariz, as orelhas, a boca, o tato, as pálpebras, as sobrancelhas, a flor da idade, os dentes, os ombros, os braços, as mãos, o coração, o peito, o dorso, os pés, as asas, a nudez, a vestimenta, os véus brilhantes, o manto sacerdotal, os cintos, os bastões, as lanças, os machados, as correntes, os ventos, as nuvens, o bronze, o âmbar, os coros, os aplausos, as nuances das pedras coloridas, a forma de leão, aquela do boi e da águia, os cabelos, os mantos cavaleares, os rios, os carros, as rodas e a alegria que se atribui aos anjos.

Continuando nossa reta eis o que nos resta dizer. O olho de nossa inteligência vai afrouxar, se você vê bem, o esforço pelo qual ele se ensaiava de maneira angélica nas mais altas visões. Nós vamos descer de novo aos planos da divisão e da multiplicidade para a diversidade polimórfica das figuras que os anjos assumem. Retornaremos em seguida aos nossos passos e subiremos das imagens para a simplicidade das essências celestes. Mas saiba primeiramente (Maurice de Gandillac acrescenta aqui: “somente isso”) que as interpretações sagradas das imagens figurativas revelam às vezes que as mesmas ordens das essências celestes, tanto iniciam quanto são iniciadas, que aquelas da última ordem iniciam e que aquelas da primeira ordem são iniciadas e que elas possuem todas, como se diz, potências superiores, médias e inferiores, sem que portanto exegeses (estudos) desse gênero tenham nada de irracional. Com efeito, pretender que todas juntas, tais ordens sejam iniciadas por aquelas que as precedem e que essas últimas recebam delas a mesma iniciação, ou ainda, que as superiores iniciando as inferiores, sejam a seguir iniciadas por aquelas mesmas que elas iniciaram, seria o puro absurdo e a confusão total. Mas afirmando-se que as mesmas essências iniciam e são iniciadas nós não entendemos por essa afirmação, que elas iniciam as mesmas que as iniciaram: nós apenas queremos dizer que cada uma delas é iniciada por aquelas que as precedem e que ao mesmo tempo elas iniciam aquelas que a seguem.

Não há então nenhuma inconveniência em afirmar que as figurações sagradas que as Escrituras nos apresentam, podem se atribuir às vezes sem modificação, propriamente e verdadeiramente, às vezes às potências primeiras, às vezes às médias, às vezes às últimas. Por exemplo: o poder de se elevar ao alto por um movimento constante de conversão, aquele de executar em torno de si próprio uma indefectível revolução conservando suas próprias potências, o poder de participar na potência providencial comunicando-se processivamente com as ordens inferiores, tudo isso convem, sem mentir, a todas as essências celestes, a algumas todas as vezes (como se disse muitas vezes) de modo eminente e total, às outras de modo parcial e inferior.

É necessário que abordemos agora o problema colocado e que comecemos a elucidação das figuras, procurando o porquê da Teologia, como se pode constatar, situar as alegorias tiradas do fogo quase acima de todas as outras. Você notará, com efeito, que ela não só nos apresenta rodas de fogo ardente (Dan 7:9), mas ainda animais como brasas de fogo ardente (Ez 1:13) e homens com semelhança de fogo (Ez 1:27) (Maurice traz “brilhantes como de fogo”). Ela imagina em volta das essências celestes mãos cheias de brasas acesas (Ez 10:2) e rios de fogo (Dan 7:10). Ela afirma em outra passagem que os tronos são de chamas de fogo (Dan 7:9) e invoca a etimologia da palavra serafins para declarar que essas inteligências superiores são incandescentes e para lhes atribuir as propriedades e os atributos do fogo. No total, quer se trate da alta ou da baixa hierarquia, é sempre para as alegorias tiradas do fogo que vão suas preferências. Me parece que de fato, é a imagem do fogo que revela melhor o modo pelo qual as inteligências celestes se conformam a Deus. É por isso que os Santos Teólogos descrevem freqüentemente sob forma incandescente essa essência suprasubstancial que escapa a toda figuração e é essa forma que fornece mais de uma imagem visível daquilo que nós ousamos chamar de propriedade teárquica.

O fogo sensível é, por assim dizer, presente em toda parte e ilumina tudo sem se misturar com nada, permanecendo sempre totalmente separado. Ele brilha com um clarão total e permanece ao mesmo tempo secreto, pois em si ele permanece desconhecido fora de uma matéria que revele sua operação

própria. Não se pode suportar o seu clarão nem contemplá-lo face a face, mas seu poder se estende por toda parte e de lá onde ele nasce ele tira tudo para si fazendo dominar (essas duas palavras faltam em Maurice) seu ato próprio. Por essa transmutação ele faz dom de si a qualquer um que se aproxime por pouco que seja: ele regenera os seres por seu calor vivificante (Maurice traz “por sua vivificação”), ele os clareia por suas brilhantes iluminações, mas em si, ele permanece puro e sem mistura. Ele tem o poder de decompor os corpos sem sofrer ele mesmo nenhuma alteração. Ele se agita vivamente. Ele vive nas alturas, ele escapa a toda atração terrestre, ele se move sem cessar, ele se move por si próprio e ele move os outros. Seu domínio se estende por toda a parte, mas ele não se deixa prender em lugar algum. Ele não precisa de ninguém. Ele se aumenta insensivelmente, manifestando sua grandeza em toda matéria que o acolhe. Ele é ativo, poderoso, invisível e presente por toda a parte. Negligenciado, ele parece que não existe. Mas, sob o efeito dessa fricção que é como uma oração, ele aparece bruscamente com todas as suas qualidades; logo se o ve tomar um voo irresistível e é sem perder nada de si que ele se comunica jubilosamente em torno de si. Encontraremos ainda, mais uma propriedade do fogo que se aplica como uma imagem sensível às operações da Tearquia. Os conhecedores da Sabedoria Divina o sabem bem já que atribuem figuras incandescentes às essências celestes, revelando assim que formas elas assumem e tanto quanto lhes é possível, a semelhança de Deus.

Mas eles usam também para os figurar alegorias antropomórficas, porque o homem possui uma inteligência; porque ele é capaz de olhar para o alto; porque ele se mantém firme e direito; porque sua natureza é aquela de um príncipe e de um chefe; porque se é verdade que no plano sensível os animais desprovidos de razão tem maiores poderes que os do homem, no entanto, é ele que domina todos pelo entendimento de sua potência intelectual, pela soberania de seu poder racional, pelo caráter naturalmente livre e independente da sua alma.

Quer me parecer ainda mais, que cada parte do corpo humano pode nos fornecer muitas imagens que se aplicam perfeitamente (essas seis últimas palavras faltam em Maurice) às potências celestes. Pode-se dizer que as

faculdades visuais significam sua tendência a se elevar, em plena claridade, para as Luzes Divinas assim como a maneira pela qual elas recebem impassivelmente as iluminações teárquicas com toda simplicidade “ternamente”, com flexibilidade, sem resistência, em um voo rápido e puro. O discernimento dos odores significa o poder de agarrar ao máximo as suaves emanações que ultrapassam a inteligência, de discernir da ciência segura seus contrários e deles fugir absolutamente. O ouvido significa o poder de participar na inspiração teárquica e dela tirar o saber que ela contem. O paladar significa a plenitude dos alimentos intelectuais e a arte de se abeberar (matar a sede) na fecundidade dos canais divinos; o tato, a arte de distinguir seguramente o útil do nocivo; as pálpebras e as sobrancelhas, o cuidado com o qual elas conservam as visões intelectuais de Deus; a adolescência e a juventude a constante floração das potências vitais; os dentes, a perfeição com a qual eles dividem o alimento que eles recebem, pois cada essência intelectual tendo recebido de uma essência mais divina, em dom, a inteligência unitiva, a divide e a multiplica providencialmente para elevar espiritualmente tanto quanto possa a essência inferior (daquela que ela é encarregada).

As espáduas (ombros), os braços e as mãos, representam o poder de fazer, de agir, de operar; o coração é o símbolo de uma vida conforme a Deus e que espalha em sua bondade sua própria potência vital sobre os seres submetidos a sua Providência; o peito revela a muralha inexpugnável (segura) ao abrigo da qual um coração generoso espalha seus dons vivificantes; o dorso (costa) figura a reunião de todas as potências que engermaram a vida; os pés, o caráter móvel e rápido desse curso perpétuo que os conduz para as realidades divinas. É por isso que as alegorias divinas colocam asas nos pés das santas inteligências, pois as asas significam uma rápida elevação espiritual, uma elevação celeste, uma progressão para o alto, uma ascensão que libera a alma de toda baixeza; A ligeireza das asas simbolizam a ausência de toda atração terrestre, o impulso total e puro, isento de todo peso, para os cima; o corpo e os pés nus significam desembaraço, liberação, independência, purificação relativamente a toda suprafluidade exterior, assimilação máxima à divina simplicidade.

Mas como a sabedoria, toda junta una e variada, veste sua nudez e as representa como portadoras de equipamentos, é necessário explicar agora, tanto quanto pudermos, as santas vestimentas e os instrumentos sagrados que se atribuem às inteligências celestes.

Eu penso que a toga luminosa e incandescente significa a forma divina; segundo o simbolismo do fogo, essa potência de iluminação que elas extraem da morada celeste que lhes foi determinada e que é o próprio lugar da luz; enfim o caráter totalmente inteligível da iluminação delas e totalmente intelectual da visão delas. A toga pontifical significa o poder de se elevar espiritualmente até os espetáculos divinos e místicos e aí consagrar uma vida inteira. Os cinturões significam o cuidado com o qual elas conservam suas potências genéticas; o poder que elas tem de se recolher, de unificar suas potências mentais reentrando nelas mesmas, e se dobrando novamente harmoniosamente (ou “facilmente”) sobre si no círculo indefectível (infalível) da própria identidade delas.

As varas representam o poder real, a soberanidade, a retitude com a qual elas conduzem todas as coisas a seu acabamento; as lanças e os machados, sua arte de discriminar o que é estrangeiro, a sutileza, a atividade e a eficácia de suas potências de análise; os equipamentos dos geometras e dos arquitetos, seu poder de fazer fundação, de edificar e de acabar, e em geral, tudo que concerne à elevação espiritual e a conversão providencial de seus subordinados. Acontece também às vezes, que os instrumentos com os quais os representamos simbolizam os julgamentos de Deus à respeito dos homens, uns representando as correções disciplinares ou os castigos merecidos, outros representando o socorro divino em circunstâncias difíceis “nos incêndios”, o fim da disciplina ou o retorno a anterior felicidade, ou ainda o dom de novos benefícios, pequenos ou grandes, sensíveis ou intelectuais. Em suma, uma inteligência perspicaz não ficaria embaraçada em fazer corresponder os sinais visíveis às realidades invisíveis.

Acrescentemos, que os chamamos ventos, para mostrar a rapidez com a qual elas agitam por toda parte de maneira quase instantânea, o vai-e-vem do alto para baixo e de baixo para o alto, pelo que elas elevam suas subordinadas até

o cimo mais alto e pelo que elas inclinam suas superiores a descer processivamente para se comunicarem com as essências inferiores e exercer a Providência delas para com essas últimas. Poder-se-ia dizer também que o nome de vento, que significa um espírito aéreo, revela a maneira pela qual as inteligências divinas vivem em conformidade com Deus; pois esse nome contem a imagem e a marca da atividade teárquica (como foi mostrado mais explicitamente na Teologia Simbólica dando a exegese dos quatros elementos) graças a seu movimento natural e vivificante, graças a indomável impetuosidade de sua marcha adiante, graças ao mistério para nós incognoscível (desconhecido) dos princípios e dos fins de seu movimento: “não sabes, (diz a Escritura) donde vem, nem para onde vai” (Jo 3:8).

Mas, a Escritura as representa também sob a forma de nuvens (Ez 10:4) para significar assim que as santas inteligências contêm de um modo que não é daqui de baixo, a plenitude da luz secreta; que tendo recebido em primeira mão e sem orgulho excessivo a efusão primordial dessa luz, elas a transmitem a suas subordinadas em segunda mão e de modo generoso tanto quanto essas últimas possam receber; enfim elas possuem uma fecundidade que doa a vida e que faz crescer os seres e que os aperfeiçoa derramando sobre eles a chuva da inteligência, e chamando por chuvaradas fecundantes para partos vivificantes o seio que as recebeu.

Se a teologia atribui além disso às essências celestes a forma do cobre e do âmbar e aquela das pedras multicores (Ez 8:2; 40:3; Apoc 21:19-20), é porque o âmbar que reúne em si as formas do ouro e da prata simboliza por sua vez a pureza incorruptível, inesgotável, indefectível (infallível) e intangível que pertencem ao ouro e o clarão luminoso, brilhante e celeste que pertencem à prata. Quanto ao cobre pelas razões que foram ditas ele lembra seja o ouro seja o fogo. E no que concerne às formas multicores das pedras crê-se que elas representam no branco, a luz; no vermelho, o fogo (1da pág.seg.) (essas quatro palavras faltam em Maurice); no amarelo, o ouro; no verde, o apogeu da juventude. Para cada espécie você encontrará assim um ensinamento espiritual na exegese simbólica das imagens que ela representa.

A figura do leão (Ez 1:10; Apoc 4:7) deve revelar esse esforço soberano, veemente, indomável, pelo qual as essências celestes imitam tanto quanto elas podem o mistério da inefável (encantadora) Tearquia, envolvendo intelectualmente os traços desse mistério, disfarçando-os modesta e misticamente sobre a via sobre a qual a iluminação divina as eleva.

A figura do boi (Ez 1:10; Apoc 4:7) marca a força e a potência, o poder de escavar sulcos intelectuais para receber as fecundas chuvas do céu, enquanto os chifres (essas 4 palavras faltam em Maurice) simbolizam a força conservadora e invencível.

A figura da águia (Ez 1:10; Apoc 4:7) indica a realeza, a tendência aos cumes, o voo rápido, a agilidade, a prontidão, a engenhosidade em descobrir os alimentos fortificantes, o vigor de um olhar estendido livremente, diretamente e sem desvio para a contemplação desses raios, dos quais a generosidade do Sol teárquico multiplica-os.

A figura do cavalo (Apoc 6:2-8) significa a obediência e a docilidade. Se eles são brancos, essa limpidez tão próxima quanto possível da luz divina; se eles são baios (castanho ou amarelo torrado), o caráter misterioso; se eles são de uma cor entre o branco, o amarelo e a camurça, o poder do fogo e sua eficácia; se eles são pretos com o dorso tendendo ao azul escuro e o baixo dorso tendendo ao branco, a síntese dos opostos e o poder de passar de um ao outro, essa adaptação dos superiores aos inferiores e dos inferiores aos superiores que nasce da conversão de uns e do cuidado providencial dos outros.

Se nós não tivéssemos o desígnio (intenção) de conservar nesse tratado proporções harmoniosas, nós poderíamos considerar cada parte dos animais que acabamos de citar, todos os detalhes de sua estrutura física e nós não estaríamos errados de aplicar esses detalhes às potências celestes segundo o procedimento das imagens diferentes (da pág.seg.; ver todo o cap.II). É assim que, para quem quer se elevar do sensível ao espiritual as faculdades irascíveis (iradas) desses animais ensinam essa virilidade da inteligência, da qual a cólera é o último eco; suas faculdades concupiscentes (desejo de bens

ou gozo material) ensinam o desejo amoroso que provam os anjos à volta de Deus; mais sinteticamente todas as sensações das bestas privadas de razão e a multiplicidade de suas partes ensinam as intelecções imateriais das essências celestes e suas potências sem diversidade. Mas para quem sabe raciocinar, esses exemplos bastam; dizendo melhor, a exegese de uma só dessas imagens paradoxais esclarece por analogia todos os símbolos do mesmo tipo.

É necessário examinar ainda o que significa a aplicação alegórica às essências celestes dos nomes de rios, de rodas e de carros (Dan 7:10; Ez 10:2; 2Rs 2:11). Os rios de fogo significam esses canais teárquicos que generosamente não cessam de escoar seus fluxos sobre as essências celestes e que conservam assim sua vivificante fecundidade. Os carros significam essa comunidade que se liga ao mesmo varão do carro (nota do tradutor: entenda-se os carros da época como carroças) essências de nível igual. Quanto às rodas aladas que avançam sem desvio nem inclinação, elas significam o poder de rolar de maneira reta, em linha reta sobre a via reta e sem desvio, graças a uma rotação perfeita que não pertence a esse mundo. Mas a alegoria sagrada das rodas da inteligência se presta ainda a uma outra exegese que corresponde a um outro ensinamento espiritual. Como diz, com efeito, o teólogo, deu-se a elas o nome de galga que em hebreu significa ao mesmo tempo revolução e revelação (Ez 10:13). Essas rodas inflamadas e que recebem a forma divina tem o poder de rolar sobre elas mesmas, porque elas se movem perpetuamente em torno do imutável bem; elas têm também o poder de revelar, pois elas iniciam nos mistérios; e elas elevam espiritualmente as inteligências de baixo, ao mesmo tempo que fazem descer as iluminações mais elevadas até as mais humildes.

Resta-nos explicar o que as Escrituras entendem quando elas falam da alegria das ordens celestes (Lc 15:10). Essas ordens, com efeito, não saberiam de maneira nenhuma sentir as volúpias apaixonadas que os homens conhecem. O que se quer dizer por consequência é que elas participam da alegria divina por ocasião do retorno de pecadores: elas experimentam uma felicidade calma e verdadeiramente divina, uma felicidade boa e sem inveja ao vigiar providencialmente e ao salvar aqueles que se convertem a Deus; uma alegria infável (encantadora), a qual adveio

com freqüência também a homens santos graças as visitasões deificantes das iluminações divinas.

Tais são minhas explicações concernentes às alegorias sagradas. Se elas estão distantes de revelar exatamente as iluminações, elas ao menos economizarão, eu penso, a humilhação de nos prendermos ao caráter imaginativo desses símbolos. Mas se nos reprovassem o fato de não termos feito menção a todas as potências, a todos os atos, a todas as alegorias que as Escrituras contêm relativamente ao anjos, nós teríamos o direito de justificar algumas de nossas omissões reconhecendo que nós ignoramos a ciência das realidades que não são desse mundo e que para nos conduzir a essa ciência nos fizeram falta as luzes de um iniciador. Quanto a outras omissões concernentes a questões análogas àquelas que nos tratamos, elas se explicam pelo duplo cuidado de não estender nosso tratado para outras medidas e respeitar o nosso silêncio a respeito de mistérios que nos ultrapassam.